

História das ideias linguísticas e sua institucionalização: um primeiro percurso em um programa coletivo de pesquisa

Amanda Eloina Scherer¹

Universidade Federal de Santa Maria, Santa Maria, RS, Brasil

Claudia Regina Castellanos Pfeiffer²

Universidade Estadual de Campinas, Campinas, SP, Brasil

Vanise Gomes de Medeiros³

Universidade Federal Fluminense, Niterói, RJ, Brasil

Thaís de Araujo da Costa⁴

Universidade do Estado do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, RJ, Brasil

Resumo: Com este artigo damos a saber de um primeiro percurso em um programa coletivo de pesquisa sobre a institucionalização da História das Ideias Linguísticas no Brasil, em seus diferentes eixos de produção e de circulação. Trazemos aqui três gestos analíticos iniciais que vão ilustrar a complexidade e o vigor deste campo do conhecimento: o que diz respeito à construção de uma rede de pesquisadores em contínua formação; o que se refere à historicidade e ao processo de transmissão – em que perscrutamos sua inscrição inicial como projeto e seu percurso em encontro representativo no campo das ciências brasileiras, o ENANPOLL, e em que observamos o quadro atual de bolsas produtividade vigentes –; e, por fim, o que se refere à representatividade institucional e acadêmico-científica em contexto nacional – em que apresentamos um mapeamento inicial de disciplinas de História das Ideias Linguísticas na graduação e na pós-graduação de universidades estaduais e federais brasileiras.

Palavra-chave: História das Ideias Linguísticas no Brasil; Análise do Discurso; Institucionalização; Disciplinarização; Programa de Pesquisa.

Title: History of Linguistic Ideas and their institutionalization: a first course in a collective research program

Abstract: With this article, we present a first journey in a collective research program on the institutionalization of the History of Linguistic Ideas in Brazil, in its different axes of

¹ Professora Titular de Linguística do Departamento de Letras Clássicas e Linguística da Universidade Federal de Santa Maria (UFSM). E-mail: amanda.scherer@gmail.com. ORCID: <https://orcid.org/0000-0002-7183-805X>.

² Pesquisadora (PqB) do Laboratório de Estudos Urbanos do Nudecri da UNICAMP. E-mail: claupfe@gmail.com. ORCID: <https://orcid.org/0000-0003-0331-9626>.

³ Professora associada do Instituto de Letras da Universidade Federal Fluminense. E-mail: vanisegm@yahoo.com.br. ORCID: <http://orcid.org/0000-0002-6998-9377>.

⁴ Professora Adjunta de Língua Portuguesa da Universidade do Estado do Rio de Janeiro. E-mail: araujo_thais@yahoo.com.br. ORCID: <https://orcid.org/0000-0002-8599-3528>.

production and circulation. Here we bring three initial analytical gestures that will illustrate the complexity and vigor of this field of knowledge, namely: the construction of a network of researchers in continuous training; historicity and the transmission process - in which we scrutinized its initial registration as a project and its course in a representative congress in the field of Brazilian sciences, ANPOLL, and in which we observed the current framework of current productivity grants -; and, finally, what refers to institutional and academic-scientific representativeness in a national context - in which we present an initial mapping of the disciplines of History of Linguistic Ideas in the graduate and postgraduate courses of Brazilian State and Federal Universities.

Keywords: History of Linguistic Ideas in Brazil; Discourse Analysis; Institutionalization; Disciplinarization; Research Program.

*A pesquisa é feita para ser publicada,
mas raramente o é, principalmente em seu início,
que não é forçosamente menos importante do que o seu fim*
Roland Barthes, 2012

Antes de tudo...

De nosso ponto de vista teórico-epistemológico, produzir conhecimento pertence a uma ordem já posta, mas sempre em ebulição. Não produzimos do nada, de um vazio, de um vácuo. Produzimos a partir de questões que estão sempre em um advir. Por outro lado, produzir conhecimento diz muito também da relação que estabelecemos entre nossos pares. Produzir conhecimento diz muito também do quanto a sua circulação é importante e deve ser considerada. Produzir conhecimento diz muito igualmente do respeito ao outro e à sua história. Para nós, produzir conhecimento é produzir relações que nos permitem, inclusive, entendermos o seu processo de transmissão. Como nos ensina Auroux (2007), nem toda produção de conhecimento nos conduz a uma transmissão; no entanto, toda transmissão tem, na sua composição principal, uma produção de conhecimento. Vamos nos referir aqui à produção e circulação (ORLANDI, 2001) da História das Ideias Linguísticas no Brasil, apresentando um primeiro movimento na historicização de um institucional que advém da produção do conhecimento sobre a língua nas condições de produção próprias ao nacional e que não desconsidera, naturalmente, sua relação com um além fronteiras.

Já faz um certo tempo que temos nos perguntado sobre o quanto produzimos e o quanto tal produção tem uma rede de relação interinstitucional que a afeta produtivamente. Nossas questões têm sido colocadas mais ou menos nos termos seguintes: como um projeto de pesquisa nos enlaça nacionalmente e dá a ver, no momento atual, a formação da história de um disciplinar e, em tal caso, como um objeto de pesquisa acaba se tornando também objeto de um disciplinar. Melhor ainda, como algo da pesquisa (e sua rede de pesquisadores) acaba produzindo efeitos na transmissão, naquilo que nomeamos usualmente como disciplina. Para nós, nada de tão simples, aparentemente, poderia nos reunir desse modo para

compreendermos tais questões. O que vamos trazer aqui é um primeiro movimento na historicização da institucionalização dos domínios de um saber em um campo do conhecimento sobre o disciplinar da História das Ideias Linguísticas (doravante HIL).

As razões de um projeto coletivo...

Fazer história da institucionalização da História das Ideias Linguísticas no Brasil, em suas várias instâncias, é um dos grandes objetivos de um programa coletivo de pesquisa e interinstitucional que ainda se encontra em construção e que aqui daremos a saber o seu estado atual. Trata-se de um programa porque almeja agasalhar diferentes projetos que, vinculados a diversos pesquisadores filiados a instituições universitárias de todo o Brasil, contribuam para a compreensão dos modos de configuração da HIL como um domínio de saber em um campo de conhecimento. Com esse fito, nossa proposta inicial, lançada em encontros científicos, como a ENANPOLL (Encontro Nacional da Associação Nacional de Pós-Graduação e Pesquisa), em 2018, e o SEAD (Seminário de Estudos em Análise do Discurso), em 2019, tem sido a de fazer convergir pesquisadores da HIL nessa empreitada com vistas a configurar uma rede de pesquisas e de arquivos⁵. Alinhado a esse propósito, vislumbramos também a criação de um grupo no diretório do CNPq (Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico) cujo objeto discursivo é a construção de uma “cartografia da consolidação da HIL no Brasil”. Particularmente, queremos com isso compreender as formas de inserção da HIL enquanto área na atualidade, seus desdobramentos enquanto domínio de saber em campo de conhecimento e as derivações institucionais no espaço acadêmico e no ensino básico.

Queremos aqui especificar nosso gesto enfatizando que, conforme pontua Ferreira,

o modo pelo qual a institucionalização das pesquisas em História das Ideias Linguísticas iniciou foi norteador para a maneira como esse nome – História das Ideias Linguísticas – significa enquanto designação de um domínio de conhecimento, ao lado de outros nomes (2018, p. 17-18).

Tal fato, segundo a autora, está relacionado aos primeiros projetos de pesquisa desenvolvidos nesse âmbito no Brasil, os quais “puderam integrar pesquisadores de diversas instituições universitárias brasileiras, inscritos em áreas diferentes” (ibid., p. 20). Como decorrência disso, é possível afirmar, com Costa, que,

embora sejam significados no currículo de alguns programas de pós-graduação, (...) não só como disciplina autônoma, mas também como linha de pesquisa, muitas vezes os estudos em HIL são desenvolvidos no Brasil a partir de articulações com outros lugares teóricos (2019, p. 14-15).

⁵ No momento, o programa conta com pesquisadores de quatro instituições: UFSM, Unicamp, UFF e UFT. São eles: Amanda Scherer (UFSM), Claudia Pfeiffer (Unicamp), Vanise Medeiros (UFF), Edicarlos Aquino (UFT), Thaís Costa (UERJ/UFF/Unicamp), Bruno Turra (Pesquisador independente) e Michel Marques (PG/Unicamp).

Destas articulações, “dadas as ressonâncias produzidas de um domínio em outro, emergem distintos fazeres teórico-analíticos”. Assim, tendo em vista essa “heterogeneidade constitutiva” (ibid., p. 15) de domínios de saber que se significou no Brasil como História das Ideias Linguísticas, faz-se preciso esclarecer que, neste artigo, referimo-nos àquele que, sob esse nome, se instituiu a partir da articulação com a Análise de Discurso de base materialista.

Desse modo, neste artigo, vamos nos dedicar a apresentar, à luz dos pressupostos teórico-analíticos da HIL em sua relação com a Análise de Discurso, uma parte do percurso desse programa de pesquisa, que se pretende coletivo, sobre a institucionalização e a disciplinarização⁶ da História das Ideias Linguísticas no Brasil, em suas diversas formas de produção e de circulação. Para tanto, faz-se preciso revisitar três gestos analíticos que, embora já iniciados, ainda se encontram em andamento.

O primeiro gesto diz respeito ao processo de constituição do arquivo. Além de, como pontuamos anteriormente, almejarmos constituir uma rede de pesquisadores, pesquisas e arquivos, projetamos com este programa organizar fatos que nos permitam lançar luz sobre:

- a) a produção brasileira na área (trabalhos de conclusão de graduação, orientações de iniciação científica, dissertações, teses, artigos, capítulos de livros, livros, periódicos especializados, eventos);
- b) sua inserção no ensino superior (grades curriculares de graduação – disciplinas obrigatórias ou/e eletivas – e áreas de concentração da pós-graduação e especializações);
- c) as formas de inserção na pesquisa (pós-doutoramentos realizados na área, convênios, projetos de pesquisa com ou sem financiamento, bolsa produtividade, representação nos congressos, eventos e na distribuição do financiamento);
- d) e os seus desdobramentos no ensino básico (políticas públicas de ensino, livros didáticos etc.).

Nossa proposta de arquivo, então, procura compreender os percursos e processos de uma representação da HIL, no interior dos estudos da linguagem, enquanto domínio de saber que se torna campo de conhecimento próprio ao fazer científico, institucionalizando-se e se consolidando enquanto uma área de conhecimento (hoje pelos órgãos de fomentos). Uma questão de representação e fisionomia (ORLANDI, 2002). Uma prática política de produzir ciência. Assim, diferentes formas de produção e circulação se constituirão em nosso arquivo,

⁶ Como lemos em Scherer (2020, p. 35) “refletir sobre o disciplinar é também refletir sobre o processo de institucionalização, por meio do qual um domínio de memória (PUECH, 2004) ganha visibilidade e possibilita/resulta na disciplinarização de determinados saberes em condições sócio-históricas e ideológicas específicas”. É também com a autora que compreendemos a especificidade da disciplinarização: “pela disciplinarização, poderíamos apreender os graus de cristalização e, portanto, de estabilização que fazem parte da historicização de uma prática científica na prática acadêmica pela prática pedagógica” (ibid., p. 33-34).

lembrando aqui que “um corpus de arquivo textual não é o mesmo que um banco de dados” (PÊCHEUX, 2011, p. 281) e que “o arquivo nunca é dado a priori, e em uma primeira leitura, seu funcionamento é opaco” (GUILHAUMOU; MALDIDIER, 2010, p. 162). Posicionando-nos fora de uma busca por uma totalidade e unidade de uma prática científica, procurando compreender suas práticas heterogêneas em suas condições de produção, levamos em consideração, sobretudo, as relações de força e de sentido aí constituídos.

O segundo gesto concerne à reflexão sobre a historicidade e o processo de *transmissão* (CHISS; PUECH, 1999) da HIL no Brasil, notadamente a partir dos projetos de pesquisa liderados por Eni Orlandi e da sua inserção como linha do Grupo de Trabalho (doravante GT) da Análise do Discurso na Associação Nacional de Pós-Graduação e Pesquisa em Letras e Linguística (ANPOLL). O pontapé inicial para essa reflexão foi dado no ENANPOLL de 2018 e no SEAD de 2019. Dois pontos à época nos interessaram de imediato: o primeiro, a nuclearização das pesquisas e, o segundo, uma cartografia da consolidação da HIL. Isto tem ao mesmo tempo uma importância heurística e política uma vez que nos interessamos pelos alicerces que configuram as bases epistêmicas e teóricas desse campo de conhecimento e também nos interessamos pela compreensão dos modos – sempre heterogêneos – com que ele se representa e é representado nas diferentes instâncias de gestão das políticas científico-institucionais, fazendo parte, portanto, da gestão das coisas-a-saber, como nos coloca Pêcheux (1990).

O terceiro e último gesto consiste em um desdobramento do segundo e refere-se à reflexão sobre a representatividade institucional e acadêmico-científica desse campo de conhecimento na conjuntura nacional contemporânea, ponderando sobre o modo de sua disciplinarização⁷ nas universidades brasileiras e sobre os efeitos deste campo sobre certos objetos teóricos. Foram três os movimentos desenvolvidos até o presente momento com esse propósito, a saber: levantamento de pesquisadores cuja bolsa produtividade do CNPq atual é relativa à pesquisa em História das Ideias Linguísticas; consulta inicial a pares sobre orientação de trabalhos em HIL; e mapeamento das universidades públicas estaduais e federais que oferecem disciplinas⁸ nos níveis da graduação e da pós-graduação.

Passemos agora a um olhar mais detalhado sobre o segundo e o terceiro gestos.

⁷ Ainda especificando, compreendemos com Scherer (2020, p. 32) que a disciplinarização é da ordem dos “modos pelos quais um conteúdo da ciência disciplinariza-se, estabelece-se e consolida-se através de sua institucionalização”.

⁸ Como temos enfatizado, são gestos iniciais. Não desconhecemos a importância de nos questionarmos sobre o gesto de nomeação das disciplinas e da necessidade de uma entrada nas ementas de todas as disciplinas para poder compreender fatos como o de não encontrarmos a nomeação HIL no título da disciplina, mas a encontrarmos na descrição da ementa ou mesmo no conjunto bibliográfico da disciplina.

Historicidade e transmissão da HIL no Brasil

De nosso ponto de vista, encontramos na posição de autoria de Eni Orlandi um lugar fundamental de transmissão⁹ em HIL no Brasil. Em outras palavras, inicialmente, é preciso dizer que esse campo do conhecimento foi configurado sob a liderança da pesquisadora Eni Orlandi, na década de 80, sob diversas formas. As mais visíveis podem ser agrupadas do seguinte modo:

- a) liderança de projetos de pesquisas individual e coletivo, realização de acordo institucional sob o formato do Edital CAPES-COFECUB – Comitê Francês de Avaliação da Cooperação Universitária com o Brasil - (estabelecido em 1992), articulando instituições brasileiras e francesas;
- b) orientações de dissertações e teses;
- c) publicação de capítulos, artigos e livros;
- d) apresentação de trabalhos e conferências em reuniões científicas;
- e) e, sobretudo, sua responsabilidade por uma política institucional para a inserção de um domínio de saber em campo de conhecimento, como História das Ideias Linguística, em nível de Pós-Graduação e, mais, como disciplina obrigatória em nível de graduação nos cursos de Letras e de Linguística da Unicamp.

De um ponto de vista mais formal, o primeiro momento de configuração da História das Ideias Linguísticas se dá em torno da proposição do projeto “História das Ideias Linguísticas: Construção do Saber Metalinguístico e a Constituição da Língua Nacional” a partir do, já supracitado, Edital CAPES-COFECUB de 1992, projeto esse liderado pela professora Eni Orlandi e pelo professor Sylvain Auroux, articulando a Universidade Estadual de Campinas e a Université de Paris VII e um grupo importante de pesquisadores de diversos níveis de formação e de diferentes instituições. No entanto, as condições de produção para que esse projeto fosse formulado acontece justamente em um antes, em gestos acadêmicos e científicos que sustentam essa possibilidade, como, por exemplo, o também projeto coletivo

⁹ Conforme lemos em Medeiros (2020, p. 170-171), “a transmissão não se atém somente a instrumentos linguísticos, mas se abre para teorias, para práticas, para lugares de produção de conhecimento. Se isto nos faz retornar aos instrumentos linguísticos na medida em que estes consistem em objetos de conhecimento e de produção de conhecimento, em que consistem, cabe lembrar, em objetos técnicos, por outro lado, nos lança nos espaços de conhecimento, como instituições científicas, escolares, por exemplo; abre, pois, para lugares que laboram a transmissão, e aí se incluem ainda as relações entre pesquisas e pesquisadores bem como as redes de pesquisa. Em poucas palavras, a noção de transmissão vai ser pensada e especificada em seus diferentes modos e mecanismos de transmissibilidade tanto no que se refere aos instrumentos, para nos atermos a estes objetos, quanto no que concerne aos espaços”.

“Discurso, Significação, Brasilidade”¹⁰, instituído em 1981, coordenado igualmente por Orlandi, além das publicações dele derivadas.

O projeto referido mais acima – CAPES-COFECUB – teve várias fases, inclusive com a articulação de novas instituições como a Universidade do Estado de São Paulo e a École Normal Supérieure de Lettres et Sciences Humaines de Paris e, posteriormente, a ENS/Lyon. Outras instituições adentraram nessa relação, e novos formatos de acordos, por meio, por exemplo, de programas federais como o PROCAD e o PQI. Citamos como edificativo o projeto “História das Ideias Linguísticas e Literárias no Sul” desenvolvido através do Edital PROCAD/CAPES (Programa Nacional de Cooperação Acadêmica) pela UFSM com Unicamp, em 2001 (2001 – 2005), que culminou na criação do Doutorado em Letras da Universidade Federal de Santa Maria. Vale dizer que consideramos edificativo porque uniu duas áreas em um mesmo domínio e perspectiva teórica – a Literatura e a Linguística. Esse tipo de programa promoveu a interlocução efetiva entre grupos e laboratórios de pesquisa entre a UNICAMP e a UFSM, permitindo o compartilhamento de infraestrutura e estimulando, igualmente, a mobilidade dos pesquisadores e de acadêmicos.

Como vemos, foram sendo desenhadas e consolidadas relações acadêmicas e científicas de suma importância a partir de projetos entre universidades brasileiras e estrangeiras. Em outras palavras, há um deslizamento político-científico que dá condições para que, de projeto de pesquisa, a HIL torne-se um domínio de saber em um campo de conhecimento (disciplinar e científico), configurando-se hoje uma área, tal como é formulada, nomeada e designada no cenário político-científico brasileiro. E, nesse sentido, sua inserção e trajetória na ANPOLL são significativas.

De forma muito resumida, a configuração da HIL junto ao GT de Análise do Discurso da ANPOLL se tece praticamente com a criação deste GT. Como sabemos, instituída em 1984, a ANPOLL se organiza em torno de Grupos de Trabalho e passa a contar, desde a instituição dessa forma de organização, com o GT de Análise do Discurso, fundado no I Congresso Nacional da Anpoll, em 1986. Coordenado por Orlandi, a primeira gestão do GETAD (1986-1989) – forma como Indursky (1994) o designa – se marca por abrigar membros de diferentes tendências teóricas e diversas filiações institucionais que se interessam pelo discurso, tais como Charlotte Galvez, Ingedore Koch, J. L. Fiorin, Diana Barros, Eunice Pontes, entre outros (INDURSKY, 1994).

A primeira reunião científica do GT, realizada no II Encontro Nacional da Anpoll, em 1987, foi organizada com uma mesa, coordenada por Eni Orlandi, e três subgrupos (1- A

¹⁰ Conforme lemos na página do projeto HIL no IEL/Unicamp, trata-se de um “projeto coletivo desenvolvido na Unicamp com o grupo de análise de discurso coordenado por Eni Orlandi. Ele incluía, como uma de suas linhas de trabalho, a questão da língua e da brasilidade na qual se desenvolveram estudos sobre a história da língua portuguesa no Brasil na sua relação com as línguas indígenas assim como estudos sobre línguas de imigração. Interessava, pois, trabalhar com as línguas em contato e o que daí resultava, principalmente no caso do Brasil, que é um país de colonização com suas particularidades. É dessa época a publicação de um livro organizado por E. Orlandi sobre Política Linguística na América Latina.”. Disponível em: <<https://www.unicamp.br/iel/hil/historico.html>>. Acesso em: 18 out. 2020)

metáfora; 2- Discurso e Línguas indígenas e 3- Contribuições para o discurso não literário). Damos destaque aqui ao segundo grupo, coordenado por Tania Conceição Clemente de Souza, *Discurso e Línguas Indígenas*, para enfatizarmos daí o binômio discurso e língua já sinalizando para pesquisas que estavam se anunciando no terreno da História das Ideias Linguísticas.

Assim como na primeira gestão, os estudos em História das Ideias Linguísticas não são nomeados como tais na gestão seguinte (de 1989 a 1992)¹¹, sob a coordenação de José Luís Fiorin. No entanto, se, nesta segunda gestão, que se organiza em torno de três linhas, assim chamadas à época, *de pesquisa* (1- A relação entre discurso e história; 2- A enunciação: mecanismos, estratégias discursivas e efeitos de sentido; 3- A heterogeneidade discursiva), não temos ainda a indicação da História das Ideias Linguísticas, esse domínio de saber se faz presente em um dos encontros. São dois os encontros desta gestão e, no segundo, conforme Indursky (1994), apresentam-se duas pesquisas, uma delas, intitulada de “Língua Brasileira e a construção de uma identidade nacional” (INDURSKY, 1994), de Orlandi, foi apresentada em uma mesa-redonda como “*Discurso sobre a língua: a construção imaginária do discurso social*” (grifo nosso). Cabe destacar que a mesma pesquisa teve desdobramentos importantes como, por exemplo, a formulação do conceito de discurso fundador (INDURSKY, 1994). Também queremos mais uma vez enfatizar que, formalmente, o primeiro projeto Capes-Cofecub tem o início de sua vigência em 1992, no entanto, como também já afirmamos, até que um projeto de pesquisa com financiamento se inicie, o trabalho de sua elaboração e os reflexos dessa elaboração se fazem presentes de distintos modos. É por isso que para nós é bastante importante que nessa segunda gestão já tenhamos uma mesa que tematize “Os discursos sobre a língua”.

Já na terceira gestão, coordenada por Silvana Serrani (1992-1994), é interessante observar, além da conferência de Eni Orlandi – “Discurso e interpretação” –, a presença de pesquisas voltadas para o discurso lexicográfico, como aquela de José Horta Nunes, por exemplo. Em outras palavras, o que estamos dando a ver, com a compilação das gestões do GT de Análise do Discurso, é o modo como estudos e reflexões do domínio de saber em História das Ideias Linguísticas vão adentrando e fazendo-se constituir-se no GT da Análise do Discurso (AD).

Como veremos, isso vai se mostrando de modo regular, conforme podemos observar também na quinta¹² gestão (1996-1998), coordenada por Bethania Mariani, em que uma das seis temáticas recortadas para a apresentação de trabalhos no GT é *Discursos sobre a língua*¹³.

¹¹ Houve uma prorrogação geral de todos os mandatos dos coordenadores de GT da Anpoll; as gestões seguintes se mantiveram bienais.

¹² Infelizmente, não tivemos acesso ainda a documentos relativos à quarta gestão do GT, coordenada por Freda Indursky.

¹³ É claro que também poderíamos observar o modo como a AD vai se institucionalizando em temas e linhas de pesquisa no funcionamento do GT, mas esse não é nosso objeto direto nesse momento.

Na gestão de 2000-2002, coordenada por Tania Conceição Clemente de Souza, em seu relatório de gestão, lemos: “os seguintes temas foram definidos para terem continuidade: *O projeto História das Ideias Linguísticas*; A escrita da análise discursiva nas perspectivas da Semiótica e da AD; A heterogeneidade teórica da Análise do Discurso; Discurso e urbanidade” (SOUZA, 2002) [itálico nosso]. Ou seja, o projeto de *História das Ideias Linguísticas* já se encontrava instituído no GT, ainda que não fosse nomeado como temática de trabalho, mas como projeto de pesquisa, sendo que, na gestão seguinte, de 2002-2004, coordenada por Mariza Vieira da Silva, ele deixa de ser nomeado enquanto um projeto e passa a ser um tema, como pudemos ler a partir do plano de trabalho de Mariza Vieira (2004) em que os temas selecionados são: A Análise de Discurso e o Ensino; História das Ideias Linguísticas no Brasil; O Verbal e o Não Verbal; A Prática da Análise de Discurso nas Diferentes Áreas Disciplinares.

É na gestão de 2004-2006, coordenada por Solange Leda Gallo e Vanise Medeiros, que as linhas de pesquisa aparecem instituídas como as conhecemos hoje, havendo, dentre as linhas, a de História das Ideias Linguísticas. Parece-nos, a partir de nossas investigações ainda iniciais no site e nas revistas da ANPOLL, que na gestão de Maria Onice Payer e Maria Teresa Celada (2006-2008) é instituída a figura do coordenador de linha. Com o passar dos anos, o funcionamento do GT AD por linhas de pesquisa se consolidou e delas faz parte, desde o início, a linha História das Ideias Linguísticas no Brasil. Não poderíamos dizer o mesmo em relação a outras linhas de pesquisa, já que quantidade e nomeações variaram nessas últimas gestões. Há, importa destacar, uma estabilidade em torno da linha HIL importante de ser notada e compreendida na relação com o próprio percurso do GT. Uma linha que já conta com dezesseis anos, oito gestões e muito fôlego ainda pela frente. Um percurso histórico que foi aos poucos sendo construído e constituído e que continua a ser. De um projeto de pesquisa conjunto passando a um tema de interesse, de um tema de interesse a um domínio de saber, de um domínio de saber para um campo de conhecimento e de um campo de conhecimento para um disciplinar. E, na contemporaneidade, uma área do conhecimento científico e acadêmico reconhecida pelas agências de financiamento.

A representatividade da HIL no Brasil

Queremos atentar agora para os dois outros movimentos: bolsas produtividade em HIL e disciplinas HIL nas Universidades. Quanto ao primeiro recorte, olhamos apenas para o quadro das bolsas produtividade vigentes em 2019, encontrando 230 bolsistas na Linguística. Recortamos, nesse quadro geral, 20 pesquisadores que se situam seja na Análise de Discurso, seja na Semântica Histórica da Enunciação/ou do Acontecimento, seja na História das Ideias Linguísticas, isso porque os pesquisadores em HIL no Brasil estabelecem uma intensa relação teórico-analítica com as outras duas áreas recortadas¹⁴. Destes 20 bolsistas, 2 têm bolsa

¹⁴ Tal fato, como pontuamos anteriormente, significa esse domínio de saber como da ordem do constitutivamente heterogêneo. Além disso, devemos pontuar que, paralelamente aos estudos em HIL, são desenvolvidos no Brasil estudos em Historiografia Linguística, domínio de saber com o qual a HIL desenvolvida

produtividade vigente em HIL, no momento da pesquisa (2019), e outros 6, cujas bolsas produtividade atuais não se encontram na área da HIL, têm outros projetos vigentes ou já realizados nessa área. Importa-nos observar ainda que, desses 8 pesquisadores com bolsa produtividade, 7 estão em instituições do Sudeste e 1 do Sul do país¹⁵. É interessante observar também que, em relação a estas 20 bolsas citadas, encontramos 15 delas no Sudeste, 3 no Sul e 2 no Nordeste. Há, como se nota, uma geopolítica da ciência importante de ser salientada ao lado de um paradigma positivista sobredeterminando a prática científica na área da Linguística.

Quanto ao segundo recorte¹⁶, foi feito um primeiro levantamento específico das universidades públicas brasileiras (estaduais e federais). Das 104 universidades públicas espalhadas pelo país, apenas 4 ainda não se encontram em funcionamento¹⁷. Das 100 em

na França muitas vezes se relaciona de forma opaca, produzindo ressonâncias no fazer historiográfico desenvolvido no Brasil (cf. COSTA, 2019). Nesse levantamento, no entanto, não estamos considerando pesquisadores em Historiografia Linguística.

¹⁵ Não podemos deixar de assinalar os cortes violentos e inconsequentes que os órgãos de pesquisa vêm sofrendo no atual governo, o que tem acarretado a redução do fomento de bolsas de pesquisa já existentes no país bem como a não liberação de novas bolsas para pesquisadores. Qual o impacto de tais medidas neste campo específico? Não temos como saber, já que não temos conhecimento nem de quantos nem de quais foram os pedidos e projetos encaminhados no ano de 2018; tampouco dispomos de um arquivo com nomes e projetos de pesquisadores neste campo que nos permita acompanhar seus primórdios e sua expansão, a despeito de termos solicitado informações ao CNPq.

¹⁶ Queremos agradecer aos alunos de pós-graduação André Cavalcante, Rudá Perini e Michel Marques pelo trabalho em processo de levantamento geral das disciplinas em HIL nas universidades públicas brasileiras e a Michel Marques pelo mapeamento especificado, feito em início de 2020, do estado em que as disciplinas se encontram nas universidades públicas.

¹⁷ Universidade de Brasília (UnB), Universidade Aberta do Distrito Federal (UnADF); Universidade Federal da Grande Dourados (UFGD), Universidade Estadual de Mato Grosso do Sul (UEMS); Universidade Federal de Goiás (UFG); Universidade Estadual de Goiás (UEG); Universidade Federal de Mato Grosso (UFMT); Universidade do Estado de Mato Grosso (UNEMAT); Universidade Federal de Mato Grosso do Sul (UFMS); Universidade Federal de Jataí (UFJ); Universidade Federal da Bahia (UFBA); Universidade do Estado da Bahia (UNEB); Universidade Estadual de Feira de Santana (UEFS); Universidade Estadual de Santa Cruz (UESC); Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia (UESB); Universidade Federal do Sul da Bahia (UFSB); Universidade Federal do Recôncavo da Bahia (UFRB); Universidade Federal da Lusofonia Afro-Brasileira (UNILAB); Universidade Federal da Paraíba (UFPB); Universidade Estadual da Paraíba (UEPB); Universidade Federal do Cariri (UFCA); Universidade Estadual do Ceará (UECE); Universidade Estadual Vale do Acaraú (UVA); Universidade Regional do Cariri (URCA); Universidade Federal de Alagoas (UFAL); Universidade Estadual de Alagoas (UNEAL); Universidade Estadual de Ciências da Saúde de Alagoas (UNCISAL); Universidade Federal de Campina Grande (UFCG); Universidade Federal de Pernambuco (UFPE); Universidade de Pernambuco (UPE); Universidade Federal de Sergipe (UFS); Universidade Federal do Ceará (UFC); Universidade Federal do Maranhão (UFMA); Universidade Estadual do Maranhão (UEMA); Universidade Estadual da Região Tocantina do Maranhão (UEMASUL); Universidade Federal do Oeste da Bahia (UFOB); Universidade Federal do Piauí (UFPI); Universidade Estadual do Piauí (UESPI); Universidade Federal do Rio Grande do Norte (UFRN); Universidade do Estado do Rio Grande do Norte (UERN); Universidade Federal do Vale do São Francisco (UNIVASF); Universidade Federal Rural de Pernambuco (UFRPE); Universidade Federal Rural do Semiárido (UFERSA); Universidade Federal de Rondônia (UNIR); Universidade Federal de Roraima (UFRR); Universidade Estadual de Roraima (UERR); Universidade Federal do Acre (UFAC); Universidade Federal do Amapá (UNIFAP); Universidade do Estado do Amapá (UEAP); Universidade Federal do Amazonas (UFAM); Universidade do Estado do Amazonas (UEA); Universidade Federal do Oeste do Pará (UFOPA); Universidade Federal do Pará (UFPA); Universidade do Estado do Pará (UEPA); Universidade Federal do Tocantins (UFT); Universidade do Tocantins (UNITINS); Universidade Federal Rural da Amazônia (UFRA); Universidade

funcionamento, apenas 12 não têm cursos de graduação em Letras, ou seja, são 88 que dispõem de tal formação. É, pois, expressivo o número de universidades brasileiras com cursos de graduação em Letras e é também significativo o número de universidades com Programas de Pós-Graduação em Letras (são 79).

No que tange à disciplinarização da História das Ideias Linguísticas, o quadro é deveras interessante. São 11 as universidades a dispor em sua graduação de tal disciplina, a saber, UNICAMP (Universidade Estadual de Campinas), UFSM (Universidade Federal de Santa Maria), UNESP (Universidade Estadual Paulista Júlio de Mesquita Filho), UFU (Universidade Federal de Uberlândia), UFTM (Universidade Federal do Triângulo Mineiro), UFMS (Universidade Federal do Mato Grosso do Sul), UESB (Universidade Estadual do Sudoeste), UFS (Universidade Federal de Sergipe), UFAC (Universidade Federal do Acre), UFFS (Universidade Federal da Fronteira Sul), UNIPAMPA (Universidade Federal do Pampa). Há ainda casos de disciplinas que tocam em sua ementa em aspectos que parecem ser comuns à HIL e ementas que trazem autores da HIL em suas referências bibliográficas, mas que não foram consideradas como disciplinas de HIL nesse primeiro gesto e serão objeto de análise mais adiante em nosso programa coletivo de pesquisa. Na pós-graduação, são 11 as universidades a contar com HIL em seu quadro e 4 a oferecer disciplinas afins com referência bibliográfica do campo da HIL. São elas: UNICAMP (Universidade Estadual de Campinas), UFSM (Universidade Federal de Santa Maria), UFF (Universidade Federal Fluminense), USP (Universidade de São Paulo), UERJ (Universidade Estadual do Rio de Janeiro), UFSCAR (Universidade Federal de São Carlos), UNEMAT (Universidade do Estado do Mato Grosso), UFMA (Universidade Federal do

Federal do Sul e Sudeste do Pará (UNIFESSPA); Universidade Federal de Alfenas (UNIFAL-MG); Universidade Federal de Itajubá (UNIFEI); Universidade Federal de Juiz de Fora (UFJF); Universidade Federal de Lavras (UFLA); Universidade Federal de Minas Gerais (UFMG); Universidade Federal de Ouro Preto (UFOP); Universidade do Estado de Minas Gerais (UEMG); Universidade Estadual de Montes Claros (UNIMONTES); Universidade Federal de São Carlos (UFSCar); Universidade Federal de São João del-Rei (UFSJ); Universidade Federal de São Paulo (UNIFESP); Universidade Federal de Uberlândia (UFU); Universidade Federal de Viçosa (UFV); Universidade Federal do ABC (UFABC); Universidade de São Paulo (USP); Universidade Estadual de Campinas (UNICAMP); Universidade Estadual Paulista "Júlio de Mesquita Filho" (UNESP); Universidade Virtual do Estado de São Paulo (UNIVESP); Faculdade de Medicina de Marília (FAMEMA); Faculdade de Medicina de São José do Rio Preto (FAMERP); Faculdade de Tecnologia de São Paulo (FATEC); Universidade Federal do Espírito Santo (UFES); Faculdade de Música do Espírito Santo "Maurício de Oliveira" (FAMES); Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro (UNIRIO); Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ); Universidade Federal do Triângulo Mineiro (UFTM); Universidade Federal dos Vales do Jequitinhonha e Mucuri (UFVJM); Universidade Federal Fluminense (UFF); Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro (UFRRJ); Universidade do Estado do Rio de Janeiro (UERJ); Universidade Estadual da Zona Oeste (UEZO); Universidade Estadual do Norte Fluminense Darcy Ribeiro (UENF); Universidade Tecnológica Federal do Paraná (UTFPR); Universidade Estadual de Londrina (UEL); Universidade Estadual de Maringá (UEM); Universidade Estadual do Paraná (UNESPAR); Universidade Estadual de Ponta Grossa (UEPG); Universidade Estadual do Centro-Oeste (UNICENTRO); Universidade Estadual do Norte do Paraná (UENP); Universidade Estadual do Oeste do Paraná (UNIOESTE); Universidade Federal da Fronteira Sul (UFFS); Universidade Federal da Integração Latino-Americana (UNILA); Universidade Federal de Ciências da Saúde de Porto Alegre (UFCSPA); Universidade Federal de Pelotas (UFPEl); Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC); Universidade do Estado de Santa Catarina (UDESC); Universidade Federal de Santa Maria (UFSM); Universidade Estadual do Rio Grande do Sul (UERGS); Universidade Federal do Pampa (UNIPAMPA); Universidade Federal do Paraná (UFPR); Universidade Federal do Rio Grande (FURG); Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS).

Maranhão), UNICENTRO (Universidade Estadual do Centro-Oeste), UFPR (Universidade Federal do Paraná), UFFS (Universidade Federal Fronteira Sul). Com disciplinas que fazem referência seja por meio da ementa ou da bibliografia temos: UFT (Universidade Federal de Tocantins), UESB (Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia), UEFS (Universidade Estadual de Feira de Santana) e UFJF (Universidade Federal de Juiz de Fora).

Se considerarmos o curto espaço de tempo deste campo de conhecimento no Brasil, podemos observar, desde já, sua potência na institucionalização como pesquisa e em seu vigor como institucionalização disciplinar. Notadamente, as relações institucionais por meio de pesquisas e convênios entre diferentes instituições, além da formação em nível de pós-graduação, sobretudo, implicando a inserção de novos docentes-doutores em distintas universidades estão na base dessas presenças da HIL nas disciplinas¹⁸ de graduação e de pós-graduação.

No entanto, a nosso ver, esse cenário não dá conta do que ocorre nas universidades em termos de pesquisa em HIL. Isso nos fez, de um lado, levar em consideração a questão da nomeação e igualmente as estratégias que fazem parte das políticas científico-institucionais para dar a ver um campo de conhecimento mesmo que não nomeado enquanto tal para que em momento posterior haja condições de nomeá-lo. Por outro lado, nos levou a um outro levantamento inicial: escrevemos diretamente a um grupo de colegas, e, nas respostas, encontramos a confirmação da questão da opacidade do nome do referido campo e a presença de um ‘mas’ importante de ser notado. Em algumas das respostas, o pesquisador nos retornava afirmando que não pesquisava em HIL, *mas* havia orientado ou conhecia um colega que havia orientado um trabalho *sobre língua*. Entrou em cena uma forma material importante: um trabalho *sobre língua* está funcionando metonimicamente enquanto representação de campo de conhecimento. Isso nos coloca novamente frente a uma problemática epistêmica que nos desafia nesse programa coletivo de pesquisa, que, em um primeiro momento de reflexão, estamos compreendendo como efeito da disciplinarização de um campo, no caso, da HIL, em sua projeção não apenas para um *a fazer* (um horizonte de projeção, nos termos de Auroux (1992)), mas sobre um *já feito* (um horizonte de retrospecto (ibid.)), absorvendo e significando certos objetos teóricos como um *sempre seu* objeto, neste caso, a língua. Pensamos ainda que tal movimento nos indica a potência fundadora de tal campo, o que não se dá sem a relação tecida com a Análise de Discurso.

¹⁸ Assim como para nós o funcionamento da nomeação é deveras importante, também destacamos as reflexões de Scherer (2020, p. 32) que compreende disciplina enquanto um “princípio de especialização/singularização, em nosso caso, sobre língua-linguagem, justificando-se como uma certa concepção enciclopédica”, compreendendo que tal noção “serve para designar um corpo de saber entendido como articulação de um objeto, de um método e de um programa de um lado e, de outro, como o modo de ocupação reconhecível em uma configuração maior (CHISS; PUECH, 1999). Dizendo de outro modo, falar de disciplina é designar a atividade científica como uma forma particular da divisão do trabalho de leitura (PECHEUX, 1995) no mundo social acadêmico universitário” (ibid., p. 34).

Concluindo...

Não são poucos os desafios, portanto, e a cada gesto pequeno que fazemos em nossa insistência de não abandonarmos por completo a proposta geral desse programa coletivo de pesquisa, compreendemos um pouco mais das reflexões epistêmicas que nos fazem desejar mais e mais sermos teimosas!

Esses gestos iniciais nos permitem colocar a ver uma agenda de pesquisa volumosa, complexa, ousada, desafiante e convidativa. Os processos inicialmente flagrados em nossos gestos precisam ainda de um forte batimento com reflexões teóricas fundamentais como as relativas: ao objeto de conhecimento/objeto de saber; à institucionalização/disciplinarização; à transmissão/disciplina; à nomeação/designação.

O que objetivamos, no entanto, nessas três ancoragens iniciais de pontos de encontro importantes na historicidade aqui apresentada, foi dar visibilidade, ainda que não integralmente com a força e a complexidade que esse processo e a HIL merecem. A configuração de sua fisionomia (ORLANDI, 2002). Interna e externa. Ou seja, como nós, pesquisadores em HIL, vamos configurando essa fisionomia, com que gestos e formas; e como nossa área é representada enquanto uma unidade pela grande área da Linguística, pelos órgãos responsáveis pela gestão da ciência no Brasil e pela sociedade científica, universitária e escolar, mais recentemente. Representação, disciplinarização e institucionalização: um longo percurso ainda está a caminho!

Referências

- AUROUX, Sylvain. *A revolução tecnológica da gramatização*. Campinas: Unicamp, 1992.
- AUROUX, Sylvain. L'historicité des sciences. In: AUROUX, Sylvain. *La question de l'origine des langues*. Paris, Quadrige, PUF, 2007. <https://doi.org/10.3917/puf.auro.2007.01>
- CHISS, Jena-Louis; PUECH, Christian. *Le langage et ses disciplines XIX-XX siècles*. Paris, Bruxelles, Éditions Ducolot, 1999.
- COSTA, Thaís de A. da. Alguns apontamentos para uma história da HIL na França e no Brasil. *Língua e instrumentos linguísticos*, Campinas, n. 44, p. 9-34, 2019. <https://doi.org/10.20396/lil.v44i0.8657785>
- FERREIRA, Ana Claudia F. A análise de discurso e a constituição de uma História das Ideias Linguísticas do Brasil. *Fragmentum*, Santa Maria, n. Especial, p. 17-47, 2018. <https://doi.org/10.5902/2179219436580>
- GUILHAUMOU, Jacques; MALDIDIER, Denise. Efeitos do arquivo: a análise do discurso no lado da história. In: ORLANDI, Eni Puccinelli. (Org.). *Da história no discurso*. 3. ed. Campinas: Ed. da UNICAMP, 2010. p. 161-183.
- GUIMARÃES, Eduardo. Política científica e produção de conhecimento no Brasil (Uma aliança tecnológica?). In: GUIMARÃES, Eduardo. (Org.). *Produção e circulação de conhecimento: Política, ciência, divulgação*. Campinas, SP: Pontes editores, 2003.

INDURSKY, Freda. GT de Análise do Discurso: sete anos de atividades. *Revista da ANPOLL*, v. 1, n. 1, p. 37-42, 1994. <https://doi.org/10.18309/anp.v1i1.222>

MEDEIROS, Vanise. Análise de Discurso e História das Ideias Linguísticas: perscrutando conceitos. In: VENTURINI, Maria Cleci; RASIA, Gesualda dos Santos. *Museus, arquivos e discursos: funcionamentos e efeitos da língua, da memória e da história*. Campinas, SP: Pontes Editores, 2020. p. 165-182

ORLANDI, Eni. Ir ao Congresso: fazer história das idéias lingüísticas? In: Eni de Lourdes Puccinelli Orlandi; Eduardo R. J. Guimarães. (Org.). *Institucionalização dos Estudos da Linguagem*. Campinas: Pontes, 2002.

ORLANDI, Eni *Discurso e Texto: formulação e circulação dos sentidos*. 1ª ed. Campinas, SP: Pontes Editores, 2001.

PÊCHEUX, Michel. *O discurso: estrutura ou acontecimento*. Tradução Eni Pulcinelli Orlandi. Campinas: Pontes, 1990.

PÊCHEUX, Michel. Análise de Discurso e Informática. In: ORLANDI, Eni. *Análise de Discurso – Michel Pêcheux*. Campinas: Pontes, 2011. p. 275-282.

PÊCHEUX, Michel; FICHANT, Michel. *Sobre a história das ciências*. Lisboa, Estampa, 1971.

PUECH, Christian. *Linguistique et partages disciplinaires à la charnière des XIX et XX siècles: Victor Henry (1850-1907)*. Louvain/Paris, Ed. Peeters, Coll. Bibliothèque de l'Information Grammaticale, 2004.

SCHERER, Amanda Eloina; PFEIFFER, Claudia Castellanos; MEDEIROS, Vanise Gomes. Produção e Circulação na história das ideias linguísticas – um programa de pesquisa coletivo. Em GT de AD, XXXIII ANPOLL, 2018.

SCHERER, Amanda Eloina. Arquivos de Língua. In: MEDEIROS, Vanise; ESTEVES, Phellipe *et al.* *Almanaque de fragmentos: ecos do século XIX*. Campinas: Pontes; RJ: FAPERJ, 2020. p. 31-37.

Recebido em: 27/11/2020.

Aceito em: 29/01/2021.